

O CELIBATO DOS PADRES: CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CATÓLICA NO CRATO-CE E REPRESENTAÇÕES DO CONCÍLIO VATICANO II.

Maria Arleilma Ferreira de Sousa*

João Marcos Leitão dos Santos*

Julgamos portanto que a lei vigente do celibato consagrado deve, ainda hoje, acompanhar firmemente o ministério eclesiástico; deve tornar possível ao ministro a sua escolha, exclusiva, perene e total, do amor único e supremo de Cristo e a sua dedicação ao culto de Deus e ao serviço da Igreja, e deve ser característica do seu estado de vida, tanto na comunidade dos fiéis como na profana. (Encíclica Sacerdotalis Caelibatus, 1967: 04)

O trecho acima expõe a confirmação do Celibato clerical durante o Concílio Vaticano II, esse legitimou mais uma vez a importância, obrigatoriedade e sacralidade do Celibato pelos Ministros da Igreja Católica. O Concílio Vaticano II foi marcado por uma série de modificações em torno da Instituição Cristã, entre essas transformações alguns setores da Igreja de visão mais progressista esperavam que a Instituição se adequasse ao tempo e que deliberasse a prática do Celibato opcional e não obrigatória.

A instauração do Celibato obrigatório passou por um longo processo de discussão que se remete ao século XIII onde se proibiu o casamento de Padres. A resistência de padres e mulheres foi imediata essas se apoiavam nas normas, costumes e hábitos existentes para se imporem contra a obrigatoriedade do hábito. Para se institucionalizar coube a adoção de um novo conjunto de práticas o que possibilitou a construção de uma identidade celibatária.

De acordo com Coutrot (2003: 336) “[...] a mensagem da Igreja não pode ser transmitida a não ser por expressões culturais de cada época. A homilia, os cantos, [...] são atualizações da mensagem que reúnem os crentes na sua vida cotidiana”.

A discussão ora apresentada se circunscreve no campo da História Cultural. Utilizaremos como conceitos norteadores as noções de Identidade esboçadas por Tomaz Tadeu da Silva e Sandra Pesavento, além de Representação defendida por Roger Chartier.

* Discente de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História, Cultura e Sociedade – PPGH da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Bolsista CAPES.

* Docente do Programa de Pós-graduação em História, Cultura e Sociedade – PPGH da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Nosso intuito é perceber como se deu a construção da identidade celibatária e como as decisões do Concílio Vaticano II foram representadas pelo jornal A AÇÃO de propriedade da Igreja Católica do Crato-CE.

O auge do movimento de implantação do celibato opcional aconteceu entre os anos de 1966 e a década de 1970, onde clérigos e leigos de todo o mundo lutaram juntos pela não obrigatoriedade do celibato. Nossa análise em questão retrata a Crise dos Padres na cidade do Crato-CE.

Situada na região do cariri cearense, onde um dos principais traços identitários é o forte catolicismo; sejam no tocante as romarias ao Padre Cícero em Juazeiro, cidade vizinha, como também a manutenção de tradições seculares como irmandades de penitentes, além da existência do Seminário São José localizada em seu território.

A Instituição do Celibato não é de direito divino e sim de ordem eclesiástica. Para o outorgamento de tal lei alguns preceitos Cristãos foram desrespeitados, como por exemplo, a invalidez do casamento de Padres casados em 1123 no Concílio de Latrão e em 1545, no Concílio de Trento, onde se decidiram que o homem deveria abandonar sua esposa, caso desejasse ser Sacerdote.

Para os defensores do Celibato obrigatório como podemos observar na Encíclica Sacerdotalis Caelibatus apresentada ao mundo católico pelo Papa Paulo VI em 1967 a manutenção da

“virgindade consagrada dos sacerdotes manifesta, de fato, o amor virginal de Cristo para com a Igreja (...) o sacerdote, dedicando-se ao serviço do Senhor Jesus e de seu Corpo místico, em plena liberdade, facilitada pela sua oferta total, realiza, de modo mais completo, a unidade e a harmonia da vida sacerdotal; torna-se mais capaz de ouvir a palavra de Deus e de se entregar a oração”. (p. 07)

Ou seja, segundo os preceitos de Paulo VI os Sacerdotes teriam mais liberdade em servir a Igreja, teria mais intimidade com Cristo se mantivesse o seu estado de vida celibatária. O que identifica um Padre é justamente o seu estado de solteirice disponibilizando o seu tempo exclusivamente ao serviço das coisas sagradas.

Ao analisar sobre a institucionalização do Celibato obrigatório pelos Ministros da Igreja, Silva (2008: 55) afirma que sua construção vai se dar basicamente em torno de dez séculos, sendo o estado de solteirice a principal característica da identidade clerical diferenciando-os inclusive de outros cristãos, como os protestantes.

De acordo com Hubermam (1936:11) a manutenção do Celibato obrigatório se dar com o intuito de preservar a hegemonia econômica da Igreja Católica, visto que um celibatário, não tendo constituído família para deixar seus bens após sua morte, este fica em poderio da Instituição Religiosa.

Os discursos em torno do estabelecimento e manutenção do Celibato obrigatório vem sendo debatidos desde os primeiros momentos de sua instauração sendo o Concílio Vaticano II marcado por muitas discussões em torno de tal regra. Consoante o pensamento de Silva (2008: 121) a desilusão de parte do Clero com os ditames do Vaticano II em especial no que concerne ao Celibato possibilitou uma grande evasão da Igreja Católica, influenciando inclusive a criação do Movimento de Padres Casados no Brasil.

Conforme Serbin (2008: 36), os anos de 1960 e 1970 refletem a Crise de Identidade que assolou o Clero brasileiro. A frustração das expectativas de mudança provocadas pelo Concílio Vaticano II fez com que Padres de todo o país questionassem sua vocação. Muitos abandonaram o sacerdócio. As principais razões para as desistências eram a manutenção do Celibato obrigatório, a rigidez da estrutura hierárquica e a ausência de uma postura mais firme dos Bispos contra o Regime Militar. A Crise levou a Igreja brasileira a perder alguns de seus melhores Homens.

Analisando a Religião como objeto da História, Gomes (2002: 21) aborda a relação entre o historiador e seu objeto afirmando que essa relação não se apresenta de forma neutra:

A relação do historiador com seu objeto de estudo não é neutra, seja esse objeto religioso ou não. Todo o historiador fala a partir de um lugar social e de um lugar epistêmico. Suas opiniões o situam forçosamente ora do lado dos crentes, ora do lado dos não crentes, ora num lugar incômodo a meio caminho, ora mais próximo de uma confissão ou de uma outra, mais sensível a determinado percurso religioso ou a outro, até a hostilidade a toda expressão religiosa.

Cardoso (2005: 222) afirma, entretanto que no período pós-moderno há uma desconfiança da História das Religiões produzida por crentes:

[...] os pós-modernos deparam-se “com o antigo problema dos céticos acerca de como pensar e agir á luz de sua própria doutrina”- e em nome do suposto caráter subjetivo do trabalho do historiador, leva a reivindicar a possível validade de uma História Religiosa feita por crentes.

Geertz (1978: 142), sugere que a religião obriga a uma dupla análise. A questão interna do sistema de significados, que nela são incorporados como símbolos, que a diferenciam de outras construções simbólicas. A outra remete a análise do sistema religioso com os demais processos sociais, sócio-estruturais e psicológicos.

Os anos 60 foram convulsionados por uma série de transformações seja no contingente religioso, seja no âmbito político, social e cultural. No Brasil podemos destacar o Regime Militar que fora marcado pela dissolução da Democracia e por um forte sistema de repressão. A recepção brasileira do Concílio Vaticano II e da Crise dos Padres que se expandia pela Europa e passava a ter uma proporção mundial chegara aqui em fins da década de 1960.

Ao analisar a Crise dos Padres em Viamão (Porto Alegre) Serbin afirma que enquanto os jovens parisienses protestavam nas barricadas os jovens seminaristas de Porto Alegre destruíam a cozinha como forma de protesto contra a autoridade dos Bispos. Seus objetivos era descer ao nível do povo e pregar justiça social. Esse fenômeno caracteriza boa parte do Clero entre o final da década de 60 e durante os anos 70.

Esse período fora marcado por transformações profundas. Pregava-se Secularismo, Liberdade e Modernidade. Uma das características mais visíveis no Clero durante esse momento foi o abandono do uso da batina. Tradicionalmente o Sacerdote usava o hábito cotidianamente. Como mecanismo de aproximação do povo, o hábito fora substituído por trajes comum sendo o uso da batina requerido apenas durante o rito religioso.

A simbologia do traje, o seu não uso constante vai fazer com que múltiplas interpretações sejam feitas. De acordo com SERBIN (2009: 45) o uso de roupas laicas simbolizou a aproximação do Padre e dos Seminaristas com seu povo. Essa aproximação teve como fator positivo o maior engajamento de leigos no âmbito da Instituição religiosa.

As determinações do Concílio Vaticano II sobre as normas da Igreja e dos Seminários geraram uma profunda Crise de identidade na Instituição Católica e subsequentemente ao seu Clero e muitos passaram a abandonar a Instituição ou a defenderem a liberalização do casamento para Padres. Esse é um dos discursos divulgado como resposta a Crise dos Padres.

Corroborando com o pensamento de Mainwaring (1989: 33) a Crise da Igreja brasileira teve início após a segunda Guerra Mundial sendo o resultado de uma rápida transformação na sociedade sem que o mesmo ocorresse com a Igreja acarretando assim uma série de prejuízos para a Instituição:

As manifestações de crise incluíram uma resistência à secularização, o alarmante crescimento do protestantismo e do espiritismo, menor comparecimento à missa, uma crise de vocações, o crescimento da esquerda, e uma perda de influência entre as classes dominantes e entre a classe operária urbana.

A abordagem ora apresentada é inédita na historiografia do cariri cearense, mas perde seu ineditismo quando visto em nível de Brasil. Pois, temos muitos pesquisadores de várias áreas que utilizam como abordagem de análise o Clero e seus desvios.

Segundo Silva (2008: 48):

Os desvios em relação ao celibato também eram prática amplamente difundida no Brasil colonial. Padres namoravam se casavam e tinham filhos à vista de todos. No século XVIII, por exemplo, o padre Miguel Rego, do bispado do Maranhão, “vivia amancebado há bastantes anos com público e notório escândalo com quatro ou cinco filhos”, segundo os registros inquisitoriais.

A frustração das expectativas de mudanças provocadas pelo Concílio Vaticano II fez com que Padres de todo o mundo questionasse sua vocação. Muitos abandonaram o Sacerdócio. Como podemos observar na reportagem do Jornal A AÇÃO;

O Diário Carioca “Correio da Manhã” analisou, recentemente, a crise da Igreja do Brasil (...) a proporção é de um padre para 7500 habitantes. (...) A Igreja enfrenta hoje um déficit de 20 mil padres (...). Segundo o Secretário Nacional dos Seminários da CNBB, em 1968 havia no país 2535 seminaristas maiores diocesanos e religiosos. Em 1970 esse número caiu para 1607 (JORNAL A AÇÃO em 17/07/1971).

As principais razões para as desistências eram a manutenção do Celibato obrigatório, a rigidez da estrutura hierárquica e a ausência de uma postura mais firme dos Bispos contra o Regime Militar. A Diocese do Crato- CE na tentativa de afastar a Crise que assolava o Clero de “outras regiões” em seu território se utilizou de várias estratégias para construir uma Identidade Clerical em sua Diocese.

Utilizou como principais recursos: Encontros Pastorais e seu Jornal semanal A AÇÃO. O jornal A AÇÃO, apresentou algumas matérias sobre a Crise dos Padres, porém, tal

Crise apenas ocorrera na Europa e em algumas capitais do Brasil, conforme foi publicado em 17 de julho de 1971:

[...] a crise número um é a falta de vocações e a crise número dois, a falta de Formação. Observa o periódico que “faltam padres e freiras para o trabalho da Igreja na América Latina, África, enfim em toda a parte” Principalmente nos países subdesenvolvidos. Aqui no Brasil a proporção é de um padre para 7500 habitantes [...].

Em nenhum momento o jornal noticia a Crise dos Padres na cidade do Crato, pelo contrário, ao lado de cada matéria sobre tal Crise vem sempre uma coluna instigando a imagem do Padre e esclarecendo as possíveis saídas do ministério por parte de alguns Clérigos de determinadas regiões.

Para Coutrot (2003: 348) a imprensa Cristã tem como principal objetivo penetrar nas realidades do mundo contemporâneo, mantendo estreita relação com seus leitores. O jornal cristão é lido em família. É interessante ainda observar que para a autora, a partir dos anos 60 tem-se uma queda do voto católico nos partidos de direita.

O que vai fazer com que a Igreja Católica, especialmente no espaço ora analisado intensifique seus trabalhos pastorais. Suas divulgações na imprensa procura demonstrar o “perigo que a sociedade sofria estando sob o comando vermelho”, ou seja, os partidos de esquerda em especial o partido comunista. Este era associado ao mundo do demônio.

Enquanto o mundo Católico presenciava a Crise dos Padres no decorrer da segunda metade do Século XX, a Diocese do Crato procurou sanar tal conflito em seu território, logo após seu surgimento, ainda na década de 1960 e nos anos posteriores. Usava como meio doutrinário o seu jornal “A AÇÃO”.

Dessa forma os recursos da imprensa na Diocese cratense, enquanto lugar de produção de discurso representava os ditames da mais alta cúpula clerical fazendo-se presente àquilo que se encontrava ausente, como nos demonstra Chartier (1990: 20):

a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de alguém.

Apresentando uma coluna demonstrando o valor e a imagem do Padre, enfatizando ser o pároco indispensável para as vocações cristãs e exortando os fiéis para colaborarem com a alta hierarquia do Clero cratense a fim de obstruir o desencanto da vida sacerdotal nos corações de determinados clérigos de outras regiões.

Dado a importância à vida concreta dos padres como mediação humana do apelo ao sacerdócio, tudo que ajudará a superar o desencanto semeado do clero de certas regiões será de uma importância capital para a pastoral das vocações. (Jornal A AÇÃO em 17/01/1970)

Na nota da Diocese do Crato fica claro que tal Crise dos Padres ocorria também em outras regiões, menos no Crato. Esse receio de identificar a Crise dos Padres no Crato como forma de proteger o seu Clero é o que Chartier (Idem: 17) chama de lutas de representação, sendo que, para compreender os mecanismos pelos quais determinados grupos impõe ou tenta impor, a sua concepção de mundo social é necessário ir além investigando seus domínios, suas intenções.

Fica claro que a intenção da Diocese do Crato era representar o sagrado e se colocar como especial, por ter conseguido através de seu trabalho pastoral, afastar a Crise dos Padres de seus domínios, tendo como auxílio seu principal meio de comunicação: o jornal A AÇÃO.

A igreja Católica no Cariri cearense através da Diocese do Crato se impõe como lugar de produção dos discursos reafirmando a vogabilidade da Encíclica Papal sobre a manutenção do Celibato Clerical. Dessa forma elabora estratégias para legitimar seus discursos.

A Instituição Católica se utilizou de várias estratégias para afastar as crises que assolava em seu meio, seja no tocante as modificações da Igreja devido ao Concílio Vaticano II ou as manifestações exigindo o Celibato de forma opcional. Uma das maneiras de conter o movimento do Celibato espontâneo foi a divulgação da Encíclica Sacerdotalis Caelibatus onde o Papa Paulo VI, afirma:

[...] o mundo em que hoje vivemos, perturbado por uma crise de crescimento e de transformação, justamente orgulhoso dos valores e das conquistas humanas, tem neste momento, necessidade urgente do testemunho de vidas consagradas aos mais altos e sagrados valores espirituais, para que não lhe falte a rara e incomparável luz das mais sublimes conquistas do espírito.

Dessa forma a Instituição Católica, como um postulado de poder, através da pessoa do Papa Paulo VI, usou a Encíclica para abafar as vozes que almejavam a implantação do Celibato de forma espontânea durante o Concílio.

Pesavento (2008: 89) afirma que “as identidades é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença”. Através da análise do Jornal A AÇÃO pode-se perceber o interesse da Diocese cratense em construir no imaginário coletivo a ideia de que a desilusão do Clero se dar pelos novos símbolos da modernidade.

Sendo assim, a vida moderna estava afastando o homem de Deus e conseqüentemente do Padre, deixando-o numa carência existencial e por isso alguns acabam desistindo da vida sacerdotal, como podemos analisar em um trecho do Jornal apresentado em 24 de janeiro de 1970:

[...] os padres [...] percebem que a sua mensagem não desperta mais tanto interesse entre os homens. Daí [...] sentirem-se marginalizados, [...] sem muita influência numa sociedade que tende a se contentar com os êxitos [...] desta vida que passa.

Nas reportagens de seu maior veículo de comunicação fica evidente que a Diocese do Crato-CE sente a necessidade de afastar a Crise dos Padres de seus domínios para tal intuito busca intensificar a Pastoral das vocações e esclarecer “o verdadeiro motivo de saídas do Clero” de outras regiões: “É indispensável que uma justa informação seja fornecida sobre as situações de saída dos ministérios [...] e de permitir uma pastoral mais esclarecida das vocações” (idem).

Ainda para percebermos a ação da Diocese cratense para afastar a Crise dos Padres de seu território podemos destacar um dos Encontros Pastorais realizado com esse fim. Foi um Encontro realizado no período de 16 a 20 de fevereiro de 1970 e teve como ministrante o Padre Paulo Ponte, professor do Seminário de Fortaleza.

Este, na ocasião, concedeu uma entrevista ao Jornal A AÇÃO falando sobre a Crise dos Padres, afirmando que aqueles que se mostram contra o valor do Celibato Consagrado deveriam ser desvinculados do cristianismo, como podemos observar na reportagem do A AÇÃO em 21 de fevereiro de 1970: “ se um padre ou um bispo negasse o valor do celibato,

ele estaria indo de encontro à palavra do Cristo e não sei se ele merecia mais o nome de cristão”.

De acordo com Silva (2005: 89) “[...] a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação”. Utilizamos a ideia de Representação a partir da perspectiva de Chartier (1990:17) onde ele estabelece que representar é fazer presente algo que se estar ausente. Dessa forma pretendemos perceber como as determinações do Concílio Vaticano II e as determinações de Paulo VI se faziam presentes na Diocese do Crato-CE, mesmo estando ausentes.

Através das reportagens do Jornal A AÇÃO e Encontros Diocesanos, os discursos elaborados pela cúpula Clerical do Crato-CE tentavam manter a sacralidade do Celibato em seu corpo Sacerdotal bem como de seus alunos do Seminário São José.

Analisando as práticas de leitura dos franceses durante o processo da Revolução Francesa, Chartier (Idem: 85) observou que os leitores se apropriaram dos impressos e consumiram de tal forma que as representações se tornaram geradoras de novas práticas. Nosso intuito é perceber como os indivíduos Clericais do Crato-CE se apropriaram dos discursos da Igreja Católica e formularam novas práticas.

Ao longo das discussões para tentativa de implantar o Celibato opcional passou-se a discutir a possibilidade de ordenação de homens casados o que faria com que muitas pessoas passassem a vivenciar a realidade religiosa resolvendo o problema da falta de Sacerdotes e amenizando a Crise.

Nesse sentido foi realizado um retiro espiritual do Clero cratense no período de 07 a 11 de julho de 1969, tendo como palestrante o Diretor do curso Christus Sacerdotes, do Rio Grande do Sul, Padre Oscar Mueller e como assunto de pauta “A Missão do Padre na Igreja de Hoje”. Na ocasião o Padre Muller em entrevista ao jornal A AÇÃO afirma que uma das saídas para resolver a Crise dos Padres seria a ordenação de homens casados: “A solução que se projeta para todo o povo de Deus é que se possa ordenar homens casados para presidirem uma comunidade menor” (Jornal A AÇÃO em 19 de julho de 1969).

Analisando o jornal A AÇÃO, percebemos que as palavras do Padre Muller foram às únicas proferidas no contexto da Crise dos Padres no Cariri cearense que não comungavam diretamente com os ditames da norma instituída por Paulo VI e a alta cúpula do poder Católico. Ao cogitar a possibilidade de ordenação de homens casados para resolver o

problema da Crise dos Padres Padre Muller se mostrou como Sujeito praticante de novas práticas.

Para o Padre Lourenço kearns (2004), “a formação sobre o voto de castidade mudou, não tanto porque a vida religiosa quis descartar seu modelo tradicional, mas porque os próprios candidatos a vida consagrada e aos sinais dos tempos mudaram”.

É interessante destacar que esse período é marcado, sobretudo no Brasil, de Regime Militar, perseguição aos Comunistas e de ascensão dos ideais da Teologia da Libertação. De acordo com Coutrot (2003: 331) as ligações íntimas entre religião e política durante muito tempo foram desprezadas, sendo reavaliadas a partir da primeira metade do século XX. Ainda analisando as mediações de interdependência entre religião e política afirma:

[...] a religião vivida no seio das Igrejas cristãs se inscrevem em manifestações coletivas que marcam às vezes os grandes ritos de passagem, que são portadoras de um conteúdo, cultural e agentes de socialização [...] a política não pára de impor, de questionar, de provocar as Igrejas e os cristãos, a título individual ou coletivo, obrigando-os admitir atos que os comprometem perante si mesmos e perante a sociedade. (Idem, p. 335)

Através das reportagens do A AÇÃO percebemos uma preocupação da Instituição Católica em afugentar a Crise que estava acontecendo de sua Diocese. Além de intensificar o trabalho pastoral apresentar à sociedade cratense a importância do sacerdote na comunidade para que os fiéis não deixassem o Padre sentir-se marginalizados, caracterizando-o como herói.

Devemos ver o Padre como um homem que, por forças de suas funções, vive isolado, afastado de determinadas convenções sociais e privado principalmente do amor da mulher amada, renúncia esta que ele procura sublimar com a dedicação ao apostolado que ele exerce em nome do Cristo. (Jornal A AÇÃO em 04 de agosto de 1976).

Percebemos uma preocupação da imprensa Católica do Crato-CE em afastar o desencanto clerical de seu espaço de atuação e como forma de tentar conter esse movimento em sua Diocese apresenta dados estatísticos preocupantes sobre as vocações sacerdotais. Os dados são fornecidos pela CNBB onde aponta o decréscimo das vocações sacerdotais no Brasil.

De acordo com o A AÇÃO em matéria apresentada em 17 de julho de 1971 “em 1968 havia no Brasil 2535 seminaristas maiores Diocesanos e Religiosos. Em 1970 esse número caiu para 1607”. Por que tantas desistências? Era a pergunta que inquietava os líderes religiosos. Segundo as informações repassadas no jornal o Secretário da CNBB estava pedindo para que os Bispos de todo o Brasil tomassem as seguintes providências para resolver o problema das vocações sacerdotais:

um trabalho urgente para animar em todos os sentidos, os padres atuais; definição do verdadeiro sentido teológico e tarefa pastoral do padre; uma série reflexão para que num mundo da técnica e da secularização não se perca a capacidade de compreender e de aprender os valores transcendentais. (Idem)

Para a oficialidade do Clero cratense as determinações de Roma deveriam ser seguidas e para isso divulgava as determinações de Paulo VI e dos defensores do Celibato consagrado, que em um Sínodo ocorrido em finais de 1971 confirmou mais uma vez a obrigatoriedade do Celibato consagrado afirmando ainda que se mantiver eunuco é um dom de Deus, é um chamado do altíssimo para trabalhar em seu Reino.

O Celibato, (...) é mais válido ainda quando se trata do celibato assumido por causa do reino dos céus, como se manifesta na vida de tantos santos e igualmente na de fiéis que vivendo uma vida celibatária, se devotaram totalmente a Deus e ao próximo, contribuindo para o progresso humano e cristão. (Jornal A AÇÃO, 08 de janeiro de 1972).

O discurso da ala conservadora da Igreja Católica no Cariri cearense é bastante explícito quanto à Crise dos Padres e as discussões em torno do Celibato de forma espontânea. Dessa forma as reportagens no Jornal A AÇÃO que serviram como canais de divulgação do discurso elaborado pela Diocese Cratense, foi uma ação calculada para legitimar as determinações da Encíclica Papal. Ou nos dizeres de Chartier (1998: 17), foi uma forma de fazê-lo presente mesmo estando ausente.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, José D' Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis. Vozes, 2010.
- BOISVERT, Laurent. **O celibato Religioso**. São Paulo. Ed. Paulus, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Crença e identidade, campo religiosidade mudança cultural. Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.
- CALLUF, Emir. **Reflexões Incômodas sobre o celibato dos padres**. Rio de Janeiro. Ed. Record. 1984.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. Bauru. Edusc, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis. Ed. Vozes, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo. contexto, 2008.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa. Ed. DIFEL, 1990.
- _____. **A Beira da Falésia: a História entre incertezas e inquietações**. Porto Alegre. Ed. UFRGS, 2002.
- _____. **O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício**. São Paulo. Cia. Das Letras, 2007.
- COCHINI, Christian. Fundamentos Históricos do Celibato Sacerdotal. **Revista Sacrum Ministerium**, nº02, 1997.
- COSTA, Henrique Da. **O Celibato em Questão**. 2007. Disponível em: <www.padrehenrique.com.br>. Acesso em: 19 de Abr. 2010.
- COUTROT, Aline. **Religião e Política**. In: REMOND, René. Por uma História Política. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2003.
- GEERTZ, Clifort. **A interpretação da culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos emblemas e Sinais**. São Paulo. Cia das Letras, 1990.
- _____. **O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício**. São Paulo. Cia. Das Letras, 2007.

GOMES, Francisco José Silva. **A religião como objeto da História**. In: LIMA, Lana Lage da Gama; HORONATO, César Teixeira; Ciribelli, Marilda Corrêa; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Organizadores). Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad, 2002.

GUERRIERO, Silas (Org.). **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

HUBERMAN, Léo. **A história da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1986.

KEARNS, Lourenço. **Teologia do Voto de Castidade**. São Paulo. Ed. Santuário, 2004.

LIMA e SILVA, Lana Lage e Francisco Carlos (orgs.): **História e Religião**. Ed. Fapert. Rio de Janeiro, 2002.

LUCA, Tânia Regina. **Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos**. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo. Ed. Contexto, 2010.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1989.

MATA, Sérgio da Mata. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2008.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social – uma história da Igreja Católica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, Celibato e Conflito Social- uma História da Igreja Católica**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Edlene. **Entre a batina e a aliança: das mulheres de padres no Medievo ao movimento de padres casados no Brasil atual**. Brasília: UNB, 2008.